

ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E DE PREVALÊNCIA DA MORTALIDADE INFANTIL POR MENINGITE NO BRASIL AO LONGO DE UMA DÉCADA

¹Ingrid Marcelle Lopes Falcão; ²Thyerre Castro Coelho ³Bianca Rodrigues do Nascimento;
⁴Lucas Aguiar de Sousa; ⁵Matheus da Silveira Maia;⁶Gustavo Neves Vieira ⁷Átila Barros
Magalhães

¹*Acadêmica do curso de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email:marcellefalcaolopes@gmail.com;* ²*Acadêmico do curso de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email: thyerrecaastrocoelho@gmail.com;* ³*Acadêmica do curso de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email: biancanascimento@outlook.com;* ⁴*Acadêmico do curso de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email: lucasaguiasousa10@gmail.com*
⁵*Acadêmico do curso de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email: msm.med.uepa@gmail.com;* ⁶*Acadêmico de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Email: gustavonevesvieirauepa@gmail.com;* ⁷*Médico residente de Neurocirurgia, Universidade do Estado do Pará, Email: atila.barros@hotmail.com*

INTRODUÇÃO: Meningites são processos inflamatórios que afetam as meninges e o espaço subaracnóideo, onde está contido o líquido cefalorraquidiano. Os agentes infecciosos que podem causar tal condição podem ser vírus, bactérias, fungos, parasitas ou protozoários, sendo a transmissão geralmente feita por meio de contato direto com secreções respiratórias ou gotículas. No mundo, cerca de 2 a cada 100 mil pessoas são acometidas por essa patologia. Já no Brasil, a meningite é considerada uma doença endêmica, com mais de 260 mil entre os anos de 2007 a 2020, sendo a etiologia viral a mais frequente, seguida pela bacteriana.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo descritivo, de caráter transversal referente ao período de 2011 à 2020, que se utilizou da base de dados públicos do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Como variáveis, foram pesquisadas: região do país, sexo, faixa etária, estados da região norte, escolaridade materna, duração da gestação em semanas, tipo de parto, peso ao nascer, cor/raça e óbitos por local de residência. Todos os dados foram organizados e tabulados no programa *Microsoft Excel® 2019* e avaliados segundo parâmetros de metodologia descritiva.

RESULTADOS: No período de 2011 a 2020, foram registrados 1146 óbitos por meningite na faixa etária infantil no Brasil, ressaltando-se 2011 como o ano no qual houve maior taxa de mortalidade, com 152 mortes, em especial, explicado pela incipiente cobertura vacinal. No que se refere ao sexo afetado, predominou o sexo masculino, com 58% dos óbitos e sexo feminino, posteriormente, com 42%. Observou-se que não há uma causa específica que justifique o maior predomínio do sexo masculino na meningite. Ao se considerar as regiões do país, observa-se a Região Sudeste liderando o número de mortalidade, com 526 mortes, representando 45,8%. Tal fato pode ser explicado pela maior população da região em relação às outras, bem como a subnotificação das demais regiões, em especial Norte e Nordeste. No entanto, sob essa perspectiva, a proporção não é correspondente nas demais regiões, pois o Nordeste ocupa o segundo lugar com 239 óbitos (20,8%), sendo imperativo coligar esse número com a condição socioeconômica da região, visto que o Nordeste lidera como a pior economia do país. Observa-se ainda que o Norte, segundo em pior economia, sucede-se ao Nordeste em número de óbitos por meningite em crianças, com 155 mortes (13,5%), sendo o Pará o mais acometido, somando 77 mortes. No que tange à faixa etária, o maior índice de mortes é na idade de 3 a 5 meses, alcançando 464 óbitos, fato explicado devido à maior suscetibilidade a infecções bacterianas graves em fases mais tenras de idade e a falta de padronização da cobertura vacinal contra os principais agentes

etiológicos. Em relação ao período de gestação, destaca-se que o número de óbitos prevalentes em gestações entre 22 a 36 semanas, contabilizando os casos em que não foi possível estimar a idade gestacional, correspondem a 53,7% dos óbitos, fato de extrema importância pois nesses pacientes se destaca a condição de imaturidade do sistema imunológico destes neonatos. Embora os avanços na área de terapia intensiva neonatal tenham possibilitado a sobrevivência de recém-nascido com prematuridade extrema, estes frequentemente necessitam permanecer internados em Unidade de Terapia Intensiva por tempo prolongado, com maior tempo de exposição a microorganismos responsáveis pela ocorrência de infecção hospitalar. Além disso, os procedimentos invasivos, frequentemente necessários para a sobrevivência dos recém-nascidos pré-termo e de baixo peso, expõem os mesmos à colonização e infecção por patógenos que podem causar sepse e meningite. Quanto ao tipo de parto, o natural lidera em número de óbitos por meningite, com 498 óbitos. Assim, a infecção bacteriana pode ser transmitida para o bebê durante o parto normal – quando o recém-nascido está passando pela vagina da mãe, região onde vivem os estreptococos do grupo B. A raça das crianças é outro aspecto importante a se considerar, já que a mortalidade foi muito maior nos indivíduos brancos, seguidos dos pardos, do que nas pessoas de outras etnias. Por fim, ao se levar em consideração o nível de escolaridade, mães as quais estudaram por um período de 4 a 11 anos, ou seja, completaram apenas o ensino fundamental, têm maior risco de morte quando comparadas às que chegaram à graduação, demonstrando a influência da escolaridade no contexto de saúde-doença, referindo-se ao conhecimento de cuidados básicos em saúde.

CONCLUSÃO: Desse modo, é fundamental destacarmos a importância da discussão a respeito da meningite e seu manejo no Brasil, visto que, apesar de ter uma vacina disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), os casos ainda são bastante incidentes e levam à morte, principalmente em regiões populosas, como o Sudeste e o Nordeste, seguidos pelo Norte. Além disso, é perceptível que a faixa etária mais acometida é a das crianças nos primeiros meses de vida, reforçando a ideia de que a vacinação é imprescindível para a prevenção dessa doença e suas complicações. Ademais, o diagnóstico da meningite tem relação direta com o seu prognóstico, visto que quanto mais precoce o diagnóstico melhor para o paciente, principalmente na faixa etária pediátrica. Por fim, é essencial que haja uma maior atenção a outros fatores de risco identificados na pesquisa, sendo esses períodos de gestação no intervalo de 37 a 41 semanas, parto natural, raça/cor branca e parda e o nível de escolaridade materna, os quais podem ser influentes tanto no estabelecimento da doença quanto na mortalidade gerada por ela, pois esses resultados indicam que a melhora na assistência pré-natal e no controle das infecções hospitalares constituem medidas de grande importância na diminuição da incidência de bacteriana neonatal.

Palavras-chave: Epidemiologia; Meningite; Mortalidade

Referências:

- AGUIAR, Tamires Saraiva et al. Perfil epidemiológico da meningite no Brasil, com base nos dados provenientes do DataSUS nos anos de 2020 e 2021. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e50811327016-e50811327016, 2022
- BRASIL, Ministério da saúde. Meningite. **Gov.br**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/meningite-1>. Acesso em: 03 de outubro de 2022.
- FRASSON, Luísa Rodrigues et al. Perfil epidemiológico da meningite bacteriana no estado do Rio Grande do Sul. **Revista Ciência & Humanização do Hospital de Clínicas de Passo Fundo**, v. 1, n. 2, p. 96-110, 2021.

NETO, Joaquim Pereira Brasil; TAKAYANAGUI, Osvaldo M. Tratado de neurologia da Academia Brasileira de Neurologia. **Edição1. Gen guanabara koogan**, 2013.